

PARA UMA CULTURA DA PAZ*

Para uma cultura da Paz...

Para falarmos duma cultura da paz, primeiro precisamos assentar no que entendemos por paz, já que em diferentes contextos a palavra pode ter uma conotação diferente.

Há, por exemplo, o conceito de paz unicamente como a ausência de guerra ou conflitos declarados, mas uma paz eivada de repressão e de mordanças, em que o mais fraco, sufocando a custo a revolta, se submete ao mais forte pela força das circunstâncias, pelo medo, pela inexistência de recursos ou de força anímica para sacudir o jugo.

Há, também, a paz do conformismo, em que por escolha própria se opta pela manutenção de um estado de paz aparente, por não se achar conveniente, ou não se querer, pagar o preço que a reivindicação acarretaria – ou pela simples inexistência de melhores opções e perspectivas.

Não desejo falar de nenhuma destas ou doutras caricaturas da paz, negações da sua verdadeira essência. Quero, sim, falar da paz que se obtém em liberdade, a harmonia do homem consigo mesmo, com o seu semelhante, o seu ambiente e, até, com as forças espirituais em que ele porventura acredite, e a que dê um sentido religioso. Desejo falar da satisfação básica que todos precisam para serem felizes, e que, começando no indivíduo, transborda para a sociedade. E que, mercê das boas condições desta e do ambiente também apropriado e harmonioso, impregna todas as transacções humanas, mesmo as que por natureza são antagónicas, voltando ao indivíduo para reafirmar e reforçar a sua harmonia interior.

Como chegar à cultura de uma tal paz, talvez utópica no mundo imperfeito em que vivemos, mas à qual devemos almejar, pois só

nela e com ela o ser humano consegue realizar-se plenamente e atingir o seu maior potencial?

Como tenho de começar por algum lado, começarei pelo topo, dizendo que só conseguiremos uma cultura da paz quando os decisores e os que estão em eminência na sociedade a desejarem, a cultivarem e a praticarem, dando o exemplo e tomando as medidas necessárias à sua existência. Sem isso, os esforços individuais ou das organizações serão insuficientes para a obtenção de resultados apreciáveis e duradouros.

- Uma cultura da paz só existirá quando o exemplo vier de cima, dos que estão na governação em todos os níveis, das elites políticas e sociais, quanto ao respeito pelas leis, ao respeito pelo semelhante, à recusa de expedientes, à recusa da corrupção activa e passiva, à recusa do lucro indevido, aos favores, aos jeitinhos... E quando à tentação a estes desvios se contrapuserem mecanismos claros de controlo e de denúncia, investigação e punição de tais práticas. Enquanto houver a percepção, mesmo que errada, mas nunca clarificada, da existência de corrupção em certos sectores da vida pública, beneficiando alguns e prejudicando outros; enquanto os actores políticos se digladiarem, não no debate de ideias mas em injúrias mútuas e repetição de boatos e calúnias, a paz será ténue e poderá, mesmo, ser volátil – especialmente porque os maus exemplos tendem a fazer escola nos mais novos e a serem seguidos tanto no relacionamento interpessoal como na procura do enriquecimento fácil, chegando mesmo à criminalidade.

- Continuando, ainda, no sector governamental, a cultura da paz passa pela Administração Pública, pelo grau de facilidade ou dificuldade que se encontra na resolução das questões dependentes dessa administração, a qual devia estar vocacionada para a resolução rápida

e eficaz dos problemas e não para o seu arrastamento.

Fala-se muito da simplificação do processo de criação de empresas. Mas para muitas coisas continua-se com uma burocracia pesada e desesperante, com procedimentos arrefesados, de muitas etapas desnecessárias e longos prazos de espera, que poderiam ser simplificados, houvesse vontade de o fazer. Só o cidadão comum e incógnito que trata de problemas do foro da administração pública, com a frustração e a exasperação daí resultantes, sabe do que estou a falar.

- Mas a paz só poderá ser verdadeira onde houver justiça social. A cultura da paz tem de assentar na cultura da igualdade de oportunidades para todos os cidadãos, em que são removidos os entraves à mobilidade social, e a todos é aberto o acesso à educação, à saúde, à justiça, à capacitação para o exercício duma profissão digna, à satisfação das necessidades básicas.

Uma cultura da paz terá inevitavelmente de englobar o cuidado dos membros vulneráveis e desprotegidos da sociedade: os deficientes que não podem trabalhar (e facilitar condições de trabalho e acesso aos que o podem fazer), os idosos sem recursos, as crianças sem família.

- E isto leva-nos a entrar no campo familiar. Uma cultura da paz só pode existir em famílias saudáveis, onde a igualdade de género é coisa assente, onde há respeito mútuo, incluindo o respeito pelos filhos e pelos seus direitos. Precisamos incentivar a negação e, se necessário, a repressão da cultura do machismo, que tanto mal causa a tantas famílias. E reprimir fortemente a desresponsabilização parental, que priva crianças e adolescentes do seu sustento e da possibilidade de acesso a oportunidades a que têm direito.

- Do mesmo modo, a cultura da paz implica a existência de uma arbitragem expedita e imparcial dos conflitos derivantes de interesses contrários ou em tensão. Assim, é necessário que os cidadãos saibam que quando os seus direitos são desrespeitados, ou quando sofrem danos, haverá uma justiça relativamente célere que procurará tanto quanto possível reparar o dano e/ou compensar o lesado, com a satisfação tanto material como moral pelos prejuízos sofridos e a reposição de valores essenciais e da dignidade beliscada.

Quando o cidadão percebe à partida que não vale a pena apresentar a sua demanda justa, por esta estar destinada a prescrever nas prateleiras dos tribunais ou das procuradorias, ou a levar tantos anos a chegar a julgamento, que um provável veredicto positivo já não faria diferença, temos uma cultura não da paz, mas da insatisfação, que pode até levar alguns, erradamente, a fazer justiça com as próprias mãos. E isto aplica-se à percepção, mesmo que errada, de que há maior protecção para os que estão em conflito com a lei do que para o cidadão pacífico e cumpridor, que se sente refém dos criminosos e desprovido da protecção que o sistema lhe deveria dar.

- Mas o fulcro da questão é que só há uma cultura da paz onde houver a cultura de valores positivos que sejam transmitidos desde tenra idade, começando o mais cedo possível na infância, e continuando, depois, em todos os níveis.

O que se nota entre nós é que enquanto crescem as oportunidades, a mobilidade social e a capacidade financeira dos cidadãos, aumenta, também, uma degradação da fibra da sociedade, a cultura do desrespeito pelos direitos dos outros e pela autoridade, por vezes acrescida da desresponsabilização das próprias autoridades, que olham para o lado quando os direitos dos cidadãos, leis e posturas estão a ser claramente desrespeitados.

Não pode haver uma cultura da paz onde reine a indisciplina pessoal, onde o bem-estar ou o prazer do indivíduo ou de certos grupos se sobreponham aos direitos ou necessidades de terceiros, aumentando a insatisfação e a percepção de falta de ordem, de autoridade e de justiça; e a conflituosidade interpessoal ou entre grupos.

Um exemplo simples é o de certos bairros e certas ruas onde as noites não são noites de sossego, mas de barulho e agitação, por diversões na vizinhança ou ao ar livre a altas horas da noite; por grupos de transeuntes que passam a conversar em voz alta ou a cantar, a brigar, ou em outros desacatos; por veículos com músicas altissonantes, ou que fazem das ruas suas pistas de corrida e de piruetas ruidosas e perigosas. E isto até nas imediações de esquadras policiais, incomodando toda a gente menos os profissionais da ordem que assistem impávidos e serenos – desconhecendo que os pequenos delitos, ignorados ou minimizados, ir-se-ão avolumando até darem origem a violações mais graves, chegando, mesmo, à criminalidade, devido à sensação de impunidade que se vai instaurando a pouco e pouco na população.

Precisamos restaurar a noção de que as leis e as posturas municipais são para serem respeitadas por todos, sem exceção; e que as autoridades as devem fazer cumprir sem que sejam necessárias denúncias por parte dos cidadãos, dos quais muitos já desistiram de as fazer por acharem que não conseguem remar contra a maré.

E a maré por vezes é avassaladora. Até porque, pensarão alguns, para quê nos preocuparmos com o barulho e a poluição sonora de dia e de noite, quando há problemas mais graves, como a insegurança nas ruas e por vezes até dentro de casa, levando ao calafetamento das casas, à auto-prisão por que passam muitos idosos e outros igualmente vulneráveis, com medo do que acontece nas ruas em muitos centros urbanos? Precisamos restituir as ruas aos cidadãos e retirar delas

os delinquentes; e tomar medidas para que estes tenham razões de pensar que a delinquência não compensa e não mais será tolerada.

- Contudo, uma cultura da paz englobará, também, a possibilidade de recuperação dos que caíram na criminalidade, com um redirecionamento das suas tendências ou aberrações – incidindo na recuperação dos delinquentes juvenis que por não poderem ser julgados como adultos geralmente ficam impunes, escondendo-se atrás dessa impunidade para reincidirem, muitas vezes manipulados por adultos.

- Por fim, desejo mencionar algo mais: a cultura da paz só é possível quando os valores espirituais ou religiosos da comunidade e dos cidadãos são conducentes à paz, à harmonia, à consideração dos outros não como filhos de deuses menores, mas filhos do mesmo Pai, com os mesmos direitos, mesmo que tenham convicções ou práticas diferentes – valores que rejeitam a vingança, a retaliação, a justiça própria, e estimulam a compreensão mútua, a aceitação do outro, mesmo que diferente, como tendo uma dignidade inerente; e que incentivam o diálogo, o perdão, a ajuda e a tolerância mútua, a generosidade, não só entre os cidadãos, mas também entre os povos. E termos cuidado para que ao abrigo do princípio da liberdade religiosa a harmonia da nossa sociedade não se torne mais precária pela entrada de correntes que defendem valores e práticas que não concorrem para a igualdade nem, por conseguinte, para a paz.

* * * * *

Para uma cultura da paz! Um longo caminho a ser percorrido. E precisa ser percorrido por todos, em conjunto: pais e outros familiares, escolas, igrejas, instituições, organizações da sociedade civil, autoridades responsáveis pela repressão, governantes, etc. E aqui quero

fazer uma menção especial aos legisladores, louvando pela lei sobre a violência doméstica, que já vai dando frutos, e que certamente muito contribuirá para uma cultura da paz nos lares. E realçar que o que precisamos são leis que efectivamente dêem solução aos problemas da nossa terra, e não cópias fantásticas de bonitas leis de outras paragens, mas desfasadas da nossa realidade social e económica.

Paz e progresso, são irmãos gémeos, que têm de andar lado a lado. Se queremos o segundo, temos de nos esforçar por cultivar a primeira.

Cabo Verde tem avançado bastante no desenvolvimento, mas há agora muito a ser feito para nos tornarmos nesse lugar que desejamos, onde todos podem ter uma vida sossegada, em paz e harmonia consigo mesmos, com o próximo, com o ambiente e com Deus. E ao fazê-lo o desenvolvimento será ainda maior. Pois, num país vocacionado para o turismo, todos os que nos visitarem desejarão poder voltar e trazer outros, contribuindo ainda mais para o nosso avanço.

O caminho é, na verdade, longo. Mas com determinação e persistência, ciente dos problemas e desafios e uma grande vontade de os resolver, podemos percorrê-lo e chegar a bom termo, a uma verdadeira cultura da paz. Yes, we can!

- Maria Odette Pinheiro
Conferência “Iniciativa de Paz na África Ocidental”
Praia, 13 de Dezembro de 2011

* Redigido na ortografia tradicional